

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Informação Indígena Básica n. 029/82-AGESP/FUNAI

CEDI - P. I. B.
DATA 20/06/88
COD. BOD 38PROC.: J107/86
FLS. : 61
RUBRICA: JLS

Grupo indígena: Borôro (Otuke)

Tronco linguístico: Macro-Jê, família Borôro, língua Borôro

Situação das terras: 5ª DR.

- 1 - Jarudore: 4706 ha. demarcados, município de Poxoréu. 60 índios;
- 2 - Perigara: 10000 ha., não demarcada, PI Perigara, município de Barão de Melgaço, 104 índios;
- 3 - Tadarimana: 9785 ha. demarcados, PI Tadarimana, município de Rondonópolis, 141 índios;
- 4 - Colônia Indígena Tereza Cristina, 25694 ha. demarcados, PI Gomes Carneiro, municípios de Juscimeira e St. Antonio Leverger 253 índios.

Total de indivíduos Borôro: 558.

Área tribal: características.

Os índios Borôro são situados por Galvão e analisados por Malcher dentro da área cultural VI, Tocantins-Xingu, na faixa de Transição entre o cerrado e a floresta úmida tropical. Região de matas ciliares, cerrado e campos, de clima tropical quente-úmido. Predominância de chuvas de setembro a fevereiro. Povo tradicionalmente caçador e pescador, além de praticar a coleta, por isto tendo custado a se adaptar ao cultivo do solo e ao sedentarismo decorrente. Hoje plantam arroz, mandioca e milho, embora não desprezem a atividade cinegética e façam da pesca uma das bases de sua subsistência. Chegam mesmo a vender peixe para os regionais. Em tempos recentes a invasão de seu território por pescadores civilizados, voltados para esta atividade de forma indiscriminada e predatória, gerou conflitos e tensões com os Borôro.

O território tribal era consideravelmente extenso, compreendendo como limites os formadores do Xingu (norte), as proximidades do rio Miranda (sul), a Bolívia (oeste) e o centro-sul

de Goiás (Caiapônia, leste) (D. Ribeiro, Os índios e a civilização, 1970), foi considerada uma das maiores tribos do Brasil Central, tendo sofrido redução espantosa no decorrer dos séculos de contato com as frentes de expansão luso-brasileiras. Só para falar do período posterior ao extermínio dos Borôro ocidentais (século XIX), os índios registrados peloa missionários salesianos em 1907 eram cerca de 3000 indivíduos; em 1934 Baldus estima os Borôro a leste do rio Paraguai em cerca de 1000; em 1952 Saake apresenta um número de 700 a 1000 indivíduos na bacia do São Lourenço; em 1959 Montenegro encontra aproximadamente 270 Borôro na área do São Lourenço. Aldeias foram-se dissolvendo, índios destribalizaram-se, contingentes inteiros migraram para outras aldeias e foram absorvidos (Renate Brigitte Viertler, As aldeias,^{Borôro} 1976, p. 20-21). Tais dados provam o quanto foram sendo reduzidos esses índios, em consequência da pressão civilizada e consequente perda de suas terras ancestrais.

Em meados do século atual o contingente Borôro era orçado entre um mínimo de 500 e um máximo de 1000 indivíduos, vivendo nos postos General Gomes Carneiro (ex-Córrego Grande), Couto de Magalhães (ex-Perigara), General Galdino Pimentel e Posto Indígena Piebaga, havendo além desses um grupo na Missão Salesiana, classificados como em contato permanente com a civilização. Foram divididos por Malcher em Borôro da Campanha e Borôro Cabaçais havendo remanescentes destribalizados na área Garças-Araguaia e ao longo do rio São Lourenço. As suas terras da região do Merure foram usurpadas pelos salesianos, o que contribuiu ainda mais para sua diáspora.

Histórico

Os primeiros contatos dos Borôro com os civilizados deram-se ainda no fim do século XVII, quando do ciclo do ouro goiano-cuiabano. Com a intromissão dos mineradores, criadores e seus respectivos escravos na área tradicional Borôro, estes ficaram divididos em dois grupos: um a leste da área de mineração (Borôro Ori-

entais ou Orarimogodógue) e outro a oeste (Borôro Ocidentais), Es-
ses índios ofereceram ao colonizador dois tipos de resistência:
ou passiva (tornados semi-escravos, "amansadores" de índios bra-
vos ou ainda sendo seu braço utilizado na repressão aos silvíco-
las rebeldes ou negros aquilombados) ou ativa, que culminou no
seu extermínio como povo. Os Borôro Ocidentais logo foram elimi-
nados pelo civilizado, enquanto os Borôro Orientais, mesmo tendo
resistido ao avanço do homem branco em suas terras (ciclo do ga-
do), até o final do século passado, tiveram seu território tribal
paulatinamente invadido. Sofreram inclusive a pressão dos Xavante
pelo norte.

Em 1886 foi tentada uma aproximação com os Borôro pelo Go-
vernador da província de Mato Grosso, Galdino Pimentel, utilizan-
do-se de métodos persuasórios ao invés da violência. Como houve
a confraternização, foi criada para esses índios uma colônia mi-
litar, Tereza Cristina, onde passaram a conviver com soldados e
"civilizaram-se" através da prostituição e da aguardente. Em 1894
a colônia foi entregue aos missionários salesianos, mas os Borôro
acabaram entrando em conflito com os padres e se dispersaram.

Em 1901 os salesianos tentam outra vez a catequese daque-
les índios, junto ao grupo que se localizava no rio Garças. Fun-
dam a Missão do Sagrado Coração. Com o passar do tempo, todo o
território Borôro circunjacente foi doado aos missionários, fican-
do os índios na condição de simples agregados. Isto representou
o fim de sua organização social, impossibilitando-os de resistir
às pressões externas, passando a "integrar-se" na economia regio-
nal na condição de subempregados e explorados.

Tal relato simplificado deixa entrever o quanto foram os
Borôro perseguidos e humilhados, história que se repetiu a par-
tir do momento em que o regente D. João permitiu que fazendeiros
eliminassem o "Problema" Borôro através da violência. Alegando es-
ses motivos legais o domo da fazenda Jacobina, por exemplo, ma-
tou de uma só vez 450 Borôro, tomando apenas 50 como escravos.

Cultura

O universo cultural Borôrô é de grande complexidade e riqueza. Em tempos passados foram possuidores de uma cultura material e espiritual significativa, conforme a descrição de diversos autores. Os adornos eram confeccionados com plumas, dentes de javali, onça,^{e outros} animais, pintura corporal em urucu, carregados os enfeites de uma simbologia própria. Os cabelos, entre os Borôrô Orientais, eram longos para ambos os sexos, enquanto que os Borôrô Ocidentais (Cabaçais ou Aravirás) raspavam a cabeça sem distinção de sexo. Um efeito bastante comum era o apito ou flauta de osso pendente do pescoço, completada sua utilidade com a beleza das penas que lhe davam acabamento. As mulheres usavam uma espécie de cinta feita com casca de árvore, com cerca de 25 cm. de largura, bastante apertada. Os homens, como proteção sexual, usavam estojo peniano e amarravam o prepúcio, fixando-o ao ventre através de um cipó ou embira enrolado na cintura. Outros adornos eram utilizados pelos Borôrô, como ossos atraçados no septo nasal, pendentes do lábio inferior, brincos. Dentro os últimos destacavam-se os confeccionados em madrepérola, em forma de meia-lua, às vezes seis pendentes em cada orelha. Demais, adornos peitorais, cintos, colares de cascós de veado, tudo isso tornava variada a arte de enfeitar o corpo entre os Borôrô.

A cultura, embora em parte desfigurada pelo avanço da civilização, ainda resiste. A aldeia é o centro de seu universo. As casas formam um círculo em torno do Bororo ou pátio central, onde se encontra a casa dos homens ou baito. A disposição é radial. As lideranças são muito bem estruturadas, havendo-as em linhagens de dupla chefia, além de dois chefes religiosos. A estrutura clânica consta de suas metades exogâmicas, Tugarege (donos das flechas) e Ecerae (donos dos cantos), por sua vez subdivididas em 4 clãs matrilineares e matrilociais. Mas correm os Borôrô o perigo de esse mundo coerente se perder, segundo o antropólogo JOSÉ MARINHO DOS SANTOS:

"É cada vez mais difícil a manutenção da cultura Borôro, e consequentemente de seus padrões tradicionais de organização social. Um povo em processo de extinção progressiva, é o diagnóstico que podemos formular com base em novas observações de área, entrevistas realizadas com ex-chefes de P.I. Borôro e depoimentos de antropólogos de renome" (Proc. FUNAI/BSB/03040/76:77-78).

Situação atual

Segundo dados fornecidos pela informática da ASPLAN, os Borôro atualmente vivem nos PI - General Gomes Carneiro (duas aldeias, Córrego Grande-sede-e Piebaga; a primeira conta com 100 indivíduos, a segunda possui 24 habitantes); PI Rio Perigara (aldeia de Perigara, com 104 Borôro); PI Tadarimana (aldeia Tadarimana, com 97 índios). Tais dados conflitam com os fornecidos na primeira página do trabalho, o que indica a necessidade de efetuar um censo da população Borôro mais preciso.

Os Borôro vivem em conflito constante com os fazendeiros locais, devido à invasão e redução de suas terras tradicionais. São bastante atingidos por afecções pulmonares, inclusive tuberculose. Atravessam problemas de má alimentação, o que contribui para o agravamento de suas condições de saúde. Em Tadarimana, por exemplo, passaram uma temporada sem comer carne de caça, básica em sua dieta, pois o bari (xamã benzedor de alimentos) se encontrava ausente da aldeia. Vivem situações até mesmo de conflito intertribal, provocado pela insatisfação quanto ao momento vivido e pela própria pressão dos regionais. O alcoolismo é uma válvula de escape das tensões que afloram ou que são amortecidas.

O enfraquecimento das lideranças tradicionais, contestadas pelo poder jovem da tribo, pode levar os Borôro à diáspora, pois falta-lhes motivação para viver. É preciso acrescentar que tal situação pode levar ao fim da coesão e solidariedade grupal, consequentemente ao abandono de suas terras imemoriais. A fusão de contingentes Borôro destribalizados, ao invés de solucionar

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. 11078
FLS. 66
RUBRICA: 15

o problema, poderá agravá-lo, tal como aconteceu no PI Tadarimana, conforme relato da antropóloga Renate Brigitte Viertler (Relatório de viagem ao PI Tadarimana dos índios Borôro, 19/12/77.)

Os Borôro, dada sua estrutura sócio-econômica, necessitam de um frequente ir e vir entre as diversas aldeias, principalmente por ocasião dos funerais, onde participam os especialistas de cantos e de cerimônias rituais, sem os quais a celebração não teria lugar. Também vão muito às cidades e feiras próximas, para vender artesanato. Mas o contato com o civilizado lhes é bastante negativo, devido à carga que contém em si: os índios Borôro se sentem humilhados, diminuídos, ridicularizados e, em consequência, voltam para a aldeia embriagados.

François, 1 de outubro de 1980

Faixa de França da Missão F

Coordenação CC1

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAIPROC. 1557/86
FLS. 67
RUBRICA: 36Bibliografia utilizada

- Malcher, José Maria da Gama. Índios. Grau de Integração na comunidade nacional. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1964.
- Ribeiro, Darcy. Os índios e a civilização. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970
- Ribeiro, Darcy. Línguas e culturas indígenas do Brasil. Rio de Janeiro, 1957.
- Vierterler, Renate Brigitte. As aldeias Bororo. Alguns aspectos de sua organização social. Coleção Museu Paulista, Série Etnologia, vol. 2 São Paulo, 1976.

Brasil. Ministério da Agricultura - Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Comissão Rondon (Publicação nº 75). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1952.

Ministério do Interior, SAI/FUNAI - Dados sobre população indígenas brasileiras. 1981.

(Ministério do Interior - MINTER/FUNAI/ASPLAN) Aryon d'All Ignatius Rodrigues. Línguas ameríndias do Brasil. In Encyclopédia Delta Larouse, IX, 1970

- Vierterler, Renate Brigitte. Relatório de visita ao Posto Indígena Gomes Carneiro no período 24/10 a 07/01/77.
Proc. FUNAI/BSB/03040/76.
- Santos, José Marinho dos (Filho). Relatório sobre aldeia Bororo de Córrego Grande, PI. Gomes Carneiro. Brasília, 15/6/77
- Vierterler, Renate Brigitte. Relatório de visita ao PI Tadarimana dos índios Bororo. 19/12/77.
- Manizer, G.G. A expedição do acadêmico G.I. Langsdorff ao Brasil (1821-1828). São Paulo, Nacional, 1967. Outras informações importantes acerca dos Borôrô /encontram nos autores:

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC.: 10218
FLS. : 68
RUBRICA: M3

- Steinen (1884-1887), Manizer (1815/1817), Colbacchini & Albi
setti (1953), Lévi-Strauss (1936, 1944); Manuel Cruz
(1939 a 1945), R-B. Viertler (1972 e seguintes), R-M-Muci
llo (1976 a 1980) M.N. Serpa (1979) e outros.

Brasília, 1 de novembro de 1982.

Sônia Demarquet

SÔNIA DE ALMEIDA DEMARQUET

Ào Amigo Coordenador das Atividades
do GT 38118/83,
para dar continuidade ao
trabalho, visando apresentar a
A.I. Rio Perijá na próxima
reunião do GT.

BSB, 27/11/86

Demarquet

Sônia de Almeida Demarquet
Chefe - Divisão de Identificação e
Delimitação/SUAF/FUNAI

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI

MEMORIAL DESCRIPTIVO DE DEMARCAÇÃO
ANEXO À PORTARIA Nº

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA PERIGARA

ALDEIAS INTEGRANTES

GRUPOS INDÍGENAS

BORORÓ

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: BARÃO DE MELGACO

ESTADO: MATO GROSSO

UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: 5ª DELEGACIA REGIONAL

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	16°48'15,277"S	56°12'31,849"Wgr.
LESTE	16°49'07,935"S	56°06'21,966"Wgr.
SUL	16°55'47,505"S	56°14'00,976"Wgr.
OESTE	16°55'35,014"S	56°15'09,485"Wgr.

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
MI - 2282	1:100.000	D S G	1976

DIMENSÕES

ÁREA : 10.740,4115 Ha.

PERÍMETRO: 61.911,39 metros

ÁREA: DEZ MIL SETECENTOS E QUARENTA HECTARES, QUARENTA E UM ARES E QUINZE CENTIARES.



DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

ÁREA INDÍGENA PERIGARA

ANEXO

NORTE: Partindo do Marco 03 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'15,277''S$ e $56^{\circ}12'31,849''Wgr.$, localizado na confrontação da Fazenda São Francisco (prop. Luiz Figueiredo Barreto) com a Fazenda Santo André; daí, segue por linha reta com azimute e distância de $112^{\circ}20'12,4''$ e 106,04 metros, até o Marco 04 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'16,576''S$ e $56^{\circ}12'28,530''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $123^{\circ}24'25,0''$ e 1.428,48 metros, até o Marco 05 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'42,012''S$ e $56^{\circ}11'48,137''Wgr.$, localizado próximo a uma Lagoa; daí, segue por linha reta com azimute e distância de $111^{\circ}49'19,3''$ e 1.406,54 metros, até o Marco 06 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'58,851''S$ e $56^{\circ}11'03,952''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $37^{\circ}18'42,2''$ e 675,29 metros, até o Marco 07 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'41,320''S$ e $56^{\circ}10'50,198''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $126^{\circ}36'58,7''$ e 981,30 metros, até o Marco 08 de coordenadas geográficas $16^{\circ}49'00,258''S$ e $56^{\circ}10'23,506''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $130^{\circ}39'06,1''$ e 638,04 metros, até o Marco 09 de coordenadas geográficas $16^{\circ}49'13,718''S$ e $56^{\circ}10'07,093''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $56^{\circ}00'20,4''$ e 1.254,63 metros, até o Marco 10 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'50,749''S$ e $56^{\circ}09'32,050''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $86^{\circ}42'21,6''$ e 1.828,93 metros, até o Marco 11 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'47,075''S$ e $56^{\circ}08'30,379''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $88^{\circ}34'48,7''$ e 940,76 metros, até o Marco 12 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'46,183''S$ e $56^{\circ}07'58,610''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $89^{\circ}12'31,8''$ e 2.098,83 metros, até o Marco 13 de coordenadas geográficas $16^{\circ}48'44,939''S$ e $56^{\circ}06'47,716''Wgr.$, localizado na margem direita do Rio São Lourenço.

LESTE/

SUL : Do Marco 13 segue pelo Rio São Lourenço no sentido jusante, pela margem direita, com uma distância de 36.232,71 metros, até o Marco 01 de coordenadas geográficas $16^{\circ}55'35,014''S$ e $56^{\circ}15'09,485''Wgr.$, localizado na confrontação com a Fazenda São Francisco (Prop. Luiz Figueiredo Barreto).

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FEDERAÇÃO NACIONAL DO ÍDO - FUNAI
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI

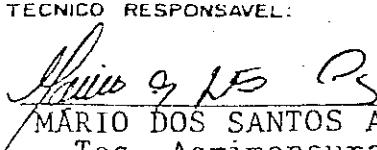
DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

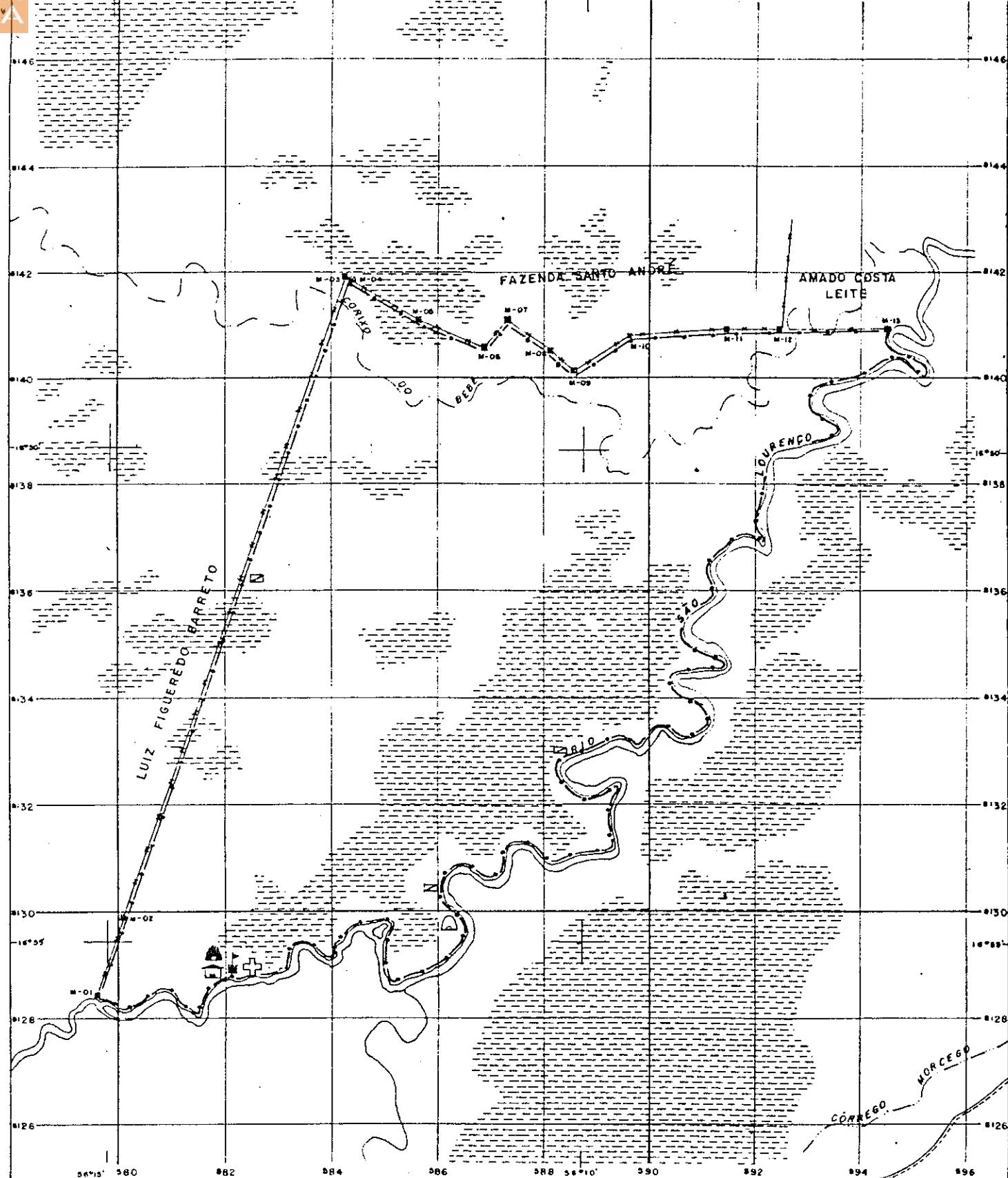
ÁREA INDÍGENA PERIGARA

ANEXO

OESTE: Do Marco 01 segue por linha reta com azimute e distância de $12^{\circ} 11'44,1''$ e 2.558,05 metros, até o Marco 02 de coordenadas geográficas $16^{\circ}55'47,505''S$ e $56^{\circ}14'00,976''Wgr.$, daí, segue por linha reta com azimute e distância de $20^{\circ}48'03,1''$ e 11.761,79 metros, até o Marco 03, início deste memorial.

OBS: As coordenadas dos pontos limitrofes foram obtidas através de interpolação da carta topográfica, sendo portanto, aproximadas.

LOCAL: BRASÍLIA	TECNICO RESPONSÁVEL:  MÁRIO DOS SANTOS ALVES Tec. Agrimensura DDF/DPI	VISTO:
DATA: 24.01.85		


SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDÍGENA DEMARCADA
- ALDEIA INDÍGENA
- ALDEIA INDÍGENA ABANDONADA
- ENFERMARIA E ESCOLA
- PLACA INDICATIVA
- — MARCO DE DIVISA DE CONCRETO
- CERCA DE ARAME
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE
- ALAGADO

 MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI <small>DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI</small>			
		ÁREA INDÍGENA PERIGARA	
MUNICÍPIO BARÃO DE MELGAÇO		PLANTA DE DEMARCAÇÃO	
UF:	MATO GROSSO	UADM.	59 DR
DESENHO:	TEC. RESPONSÁVEL:	CONFIRMADO:	VISTO:
	ANTONIO V. SOUZA CALVES TEL. DIRET. INDÍGENA - DPI	SERVIÇO DE CAMPESINATO DA DPF	AUREO GRAMIN FALCINOS DIRETOR DA DPI
PROCESSO N.º			